

Luigi Caruso<sup>1</sup>

### **uma tarde procura abrigo**

uma tarde procura abrigo

no olhar alheio dos velhos

sobre as amuradas do Tempo

nas cavernas insossas das vísceras,

seus túneis;

nas cuícas ressonando hinos

bacantes de morte

((o canto atrás de arvoredos

como o soluço que

se esgarça em cáusticos

nomes))

uma tarde procura abrigo

em navalhas frias sobre a mesa

e na insônia violentada de sóis

que se desertam

no ar e em seu aguilhão de invernos

em ventiladores soprando as costas

úmidas dos amantes

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo PPG-Letras na área de Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cursou mestrado pelo mesmo programa e instituição. É também pós-graduado em Filosofia, Sociedade e Cultura em programa oferecido pelo departamento de Filosofia, e licenciado na mesma área e instituição. E-mail: lcaruso22@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3763-9994>.

nos sargaços babados de mar

uma tarde procura abrigo  
nas procissões acesas do fogo  
na saia da morta Jocasta  
nos copos de verde-absinto  
amarelo ramo

em escudos lunares tingidos  
do sangue e do homem

nos azulejos

uma tarde procura abrigo  
em silêncios equânimes  
e nas úlceras de animais  
onde uma legião se guarda  
em retiro

### **tapetes selvagens**

eu não quero saídas nem telefonemas que cansem a carne  
e nem os monólogos dos animais na rodovia ante a morte  
o último desejo do homem é finalmente ter seu choro  
carregado por outro (o que a carta da circunstância não permite)  
e nisso reside toda a atávica impaciência  
eu não tenho dúvidas de que deus seja um péssimo dealer  
e de rara fisionomia  
e nem que a estaca zero seja sempre o posto mais próximo  
e nem duvido do preço dos combustíveis  
e nem duvido das cabeças rolando escada abaixo  
e nem por isso deixo de aliciar o fogo cruzado  
imerso no azul mosaico da latinoamérica  
e nem por isso faço decretos  
e nem por isso deixo fechado  
o rabo de olho espiando  
nosso big bang bang  
por debaixo dos tapetes selvagens.

**assinado mon amour**

os algozes deixam pistas:

a sola dos sapatos

sobre a tinta ainda fresca

as caças malsucedidas

das rotações viciadas

os liames da memória do executado

com a merda por limpar

e minas de ouro

que as noites nunca guardaram

**Data de submissão:** 31/08/2024

**Data de aceite:** 25/03/2025